



Representações migrantes em foco: o caso de suspeita de Ebola no Brasil em 2014 sob a perspectiva de migrantes e jornalistas

Samira Moratti Frazão¹

¹Doutora em História (PPGH/UDESC). Pesquisadora integrante do Observatório das Migrações de Santa Catarina (UDESC).
E-mail: samiramoratti@gmail.com

Migrant
representations in
focus: the case of
suspected Ebola in
Brazil in 2014 from the
perspective of
migrants and
journalists

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n15.2018.76869>

Resumo:

O artigo é fruto de análise feita a partir das representações jornalísticas sobre os fluxos migratórios contemporâneos direta ou indiretamente envolvidos no caso de suspeita de Ebola, ocorrido em outubro de 2014 no Brasil. Além da observação direta de reportagens publicadas em sites jornalísticos brasileiros entre 9 e 19 de outubro de 2014, também foram realizadas entrevistas a jornalistas e migrantes por meio da História Oral. O presente texto evidencia seus relatos, colocando em perspectiva a opinião de cada um a respeito do tema e de que forma a abordagem jornalística sobre o acontecimento impactou a vida de pessoas em mobilidade no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Mídia, Migrações Contemporâneas, Pânico Moral, História Oral, Racismo.

Abstract:

The article is the result of an analysis made from the journalistic representations about contemporary migratory flows directly or indirectly involved in the case suspected of Ebola in October 2014 in Brazil. In addition to direct observation of reports published on Brazilian journalistic sites between October 9 and 19, 2014, interviews were also conducted with journalists and migrants through Oral History. The present text evidences his reports, putting in perspective the opinion of each one on the subject and how the journalistic approach about the episode impacted the lives of people in mobility in contemporary Brazil.

Key words: Media, Contemporary Migrations, Moral Panic, Oral History, Racism.

Introdução

O primeiro caso de suspeita de Ebola ocorrido no Brasil em outubro de 2014, envolvendo um refugiado da República da Guiné, suscitou debates entre entidades públicas, organizações da sociedade civil e demais coletivos sociais. Entre as motivações que geraram a discussão pública estava a forma como foi conduzida a cobertura jornalística em torno do acontecimento, e as representações sobre os grupos migratórios que compõem fluxos contemporâneos para o Brasil, sobretudo os migrantes e pessoas em situação de refúgio originárias de países do continente africano, bem como de outros continentes e países, como os haitianos.

Para além de observar as narrativas midiáticas sobre tal acontecimento, foi necessário ouvir representantes daqueles que direta ou indiretamente foram envolvidos: jornalistas e migrantes que também integram os referidos fluxos. A coleta e condução das entrevistas foi pautada pela História Oral temática² (ALBERTI, 2005; 2008; THOMSON, 2000; 2002), com o objetivo de obter a opinião dos entrevistados sobre a representação jornalística presente em sites de notícias brasileiros a respeito da migração contemporânea para o Brasil, evidenciando o caso de suspeita de Ebola.

Metodologia

Realizadas entre os meses de maio e junho de 2017 e cujos relatos foram parte do resultado de uma tese de Doutorado em História – com foco na História do Tempo Presente defendida em maio de 2018 (FRAZÃO, 2018) –, as entrevistas seguiram um roteiro específico para cada grupo entrevistado (migrantes/pessoas em situação de refúgio e jornalistas). A proposta foi compreender como os entrevistados percebem as representações presentes no discurso jornalístico sobre os fluxos migratórios, principalmente com relação ao caso de suspeita de Ebola. Foi importante que detalhassem, também, elementos de suas histórias de vida (sobre a vinda para o Brasil, no caso dos migrantes e refugiados, e sobre a aproximação com o tema das migrações, por parte dos jornalistas).

No total, foram entrevistadas sete pessoas. Três jornalistas brasileiros (dois homens e uma mulher), residentes nas cidades de São Paulo e Florianópolis, cuja experiência profissional estava relacionada à cobertura dos fluxos migratórios contemporâneos. E quatro migrantes que deram entrada no Brasil a partir dos anos 2000: um jornalista moçambicano que chegou em 2003, uma estudante guineense que chegou em 2010, um relações públicas senegalês vindo em 2008 e um empresário senegalês, que mora no país desde 2011. Todos residiam no Brasil, nas cidades de São Paulo, Florianópolis, Porto Alegre e Caxias do Sul. As entrevistas foram realizadas por duas modalidades: presencial e meio digital (videoconferência).

² Para Verena Alberti, as entrevistas temáticas são as que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido (ALBERTI, 2008, p. 175).

Todas as informações pessoais, atividades profissionais e acadêmicas descritas sobre as fontes se referem às informadas por elas quando da realização das entrevistas, no primeiro semestre de 2017. A todos foi concedida a opção de usarem ou não pseudônimos, a fim de proteger suas identidades. Aqui, apenas uma optou pelo recurso, a Julia. No caso dos jornalistas, em virtude da dificuldade em encontrar e entrevistar os que escreveram as reportagens analisadas, seja por não ter conseguido retorno deles ou por justificarem a falta de tempo para conceder o relato, entendeu-se que a alternativa foi buscar jornalistas que trabalhassem com a temática das migrações. Neste artigo são apresentados os relatos de dois jornalistas e dois migrantes.

Essas vozes ajudaram a construir outros discursos sobre a narrativa da migração. A partir de suas falas, foi possível perceber que há outros discursos possíveis sobre os fluxos migratórios. Além disso, incluir migrantes em uma pesquisa que destaca a mobilidade humana foi fundamental para dar a eles o protagonismo que muitas vezes lhes é tirado.

Antes de apresentar os relatos, parte-se para uma breve conceituação teórica a respeito do método usado para a realização das entrevistas. Recorreu-se neste momento aos historiadores Verena Alberti (2005) e Alistair Thomson (2000; 2002). Tal modalidade da história pode ser entendida como um “método de investigação científica, como fonte de pesquisa, ou ainda como técnica de produção e tratamento de depoimentos gravados” (ALBERTI, 2005, p. 17, grifos da autora). Por intermédio dela, é possível entrevistar pessoas que estão ligadas ao objeto de estudo, observando-o a partir de seus pontos de vista ou vivências e, dessa forma, contrapor os depoimentos com outras fontes de estudo a respeito do tema pesquisado (ALBERTI, 2005).

A história oral geralmente é utilizada para analisar depoimentos pelos quais os entrevistados, com base em suas memórias, tenham recorrido acerca de acontecimentos que presenciaram; essas situações vividas pelas fontes devem ser recentes, por conta de possíveis lapsos de memória por parte dos depoentes, já que a memória é um ambiente no qual constantemente os fatos são reconstruídos (THOMSON, 2000; 2002). As entrevistas podem ser temáticas ou de histórias de vida: no primeiro caso, dizem respeito sobre o que o entrevistado pode falar acerca do tema escolhido na pesquisa, enquanto a segunda se baseia, sobretudo, em sua biografia (ALBERTI, 2005).

Em certa medida, em ambas as possibilidades [...] a entrevista terá como eixo a biografia do entrevistado, sua vivência e sua experiência (ALBERTI, 2005, p. 38). Por esse motivo, tem sido usada para a análise de estudos migratórios, como sugerido por Thomson (2000; 2002). Para ele, o emprego da história oral como método é útil para servir como um suporte afirmativo, para dar voz a grupos minoritários geralmente invisibilizados, nos quais se incluem os migrantes de fluxos imigratórios considerados subalternizados, bem como de pessoas em igual ou maior situação de vulnerabilidade (THOMSON, 2002), como aquelas que estão em processo de solicitação de refúgio.

Análise das fontes

A escolha dos migrantes e refugiados, cujos depoimentos serviram como fontes orais, partiu de uma premissa. Como na época do caso de suspeita de Ebola as reportagens enfatizavam o continente africano de maneira genérica, resultando num desconhecimento sobre a África e os países que a compõem – especialmente, em quais estavam ocorrendo o surto da doença, na ocasião –, tal situação contribuiu para que migrantes negros fossem relacionados a suspeita de serem portadores do Ebola. Por esse motivo, foram entrevistados migrantes e refugiados cujo fator em comum fosse a etnia.

O primeiro a ser entrevistado para a pesquisa foi o senegalês Mor Ndiaye³, 31 anos. Na época trabalhava como relações públicas para uma entidade, além de presidir a Associação de Migrantes Senegaleses de Porto Alegre, cidade gaúcha de residência. Chegou ao Brasil há cerca de dez anos, em 2008, via aérea por São Paulo. Entre 2014 e 2015 ele teve a ideia de criar a Associação de Migrantes Senegaleses de Porto Alegre, instituição através da qual desenvolve um papel ativista frente à causa dos migrantes residentes na Grande Porto Alegre.

Essa associação foi criada pra tentar se ajudar, um ao outro. Quando não tem dinheiro, os migrantes se ajudam uns aos outros. Naquela época em que foi criada [a associação], reparamos que estavam chegando muitos migrantes, entre 2014, 2015. Uma situação bem horrível, chegando por uma rota bem difícil, passando por terra, até chegar aqui. Quando chegaram, foram recepcionados por alguns brasileiros e nós, que estávamos aqui. [...] Isso nos levou a ajudar as pessoas, a se mobilizar, pra se ajudar. (informação verbal)⁴

Outra entrevistada foi Julia⁵, única mulher migrante do grupo. Ela chegou em 2010, por via aérea, com visto de estudante. No ano anterior, seu marido havia vindo para cá, com o mesmo objetivo: cursar uma graduação por meio do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G). Ainda que Julia integre um fluxo migratório que possa ser considerado privilegiado, por direcioná-la a uma profissionalização através do ensino superior, também enfrentou problemas.

Julia veio fazer uma graduação em Serviço Social na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), local onde realizamos a entrevista presencialmente. A decisão de vir, contudo, não foi fácil, uma vez que teve que fazer uma escolha: deixar seu filho na Guiné-Bissau, de onde é natural, sob a tutela da avó paterna. A intenção tanto dela quanto de seu companheiro – que também é da Guiné-Bissau e, assim como ela, também veio para o Brasil

³ NDIAYE, Mor. Mor Ndiaye: depoimento. [18 mar. 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Porto Alegre, 2017b. 1 arquivo .mp3 (33min. e 34seg.)

⁴ NDIAYE, Mor. Mor Ndiaye: depoimento. [18 mar. 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Porto Alegre, 2017b. 1 arquivo .mp3 (33min. e 34seg.)

⁵ JULIA. Julia: depoimento. [29 maio 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Florianópolis, 2017. 1 arquivo .mp3 (17 min.).

pelo PEC-G – era a de se estabilizar no país antes de trazer a criança, o que foi feito em 2014. No momento da entrevista, o menino possuía 11 e Julia, 27 anos. Quando indagada se havia vivenciado ou presenciado alguma situação de preconceito, ela diz:

Claro, existe. Tipo, você chega num shopping, por exemplo, a pessoa te olha e pensa que você não vai comprar nada. Não te atende e nem te dá oi, às vezes. Se você entra numa loja com uma pessoa branca e você é negra, a pessoa branca é atendida, falam com a pessoa, e você, não. (informação verbal)⁶

No caso de Julia, outro obstáculo foram os diferenciais de gênero em um fluxo considerado diferenciado – o de mobilidade estudantil. Após emigrar, necessitou continuar, mesmo à distância, a dar uma assistência à criança. Possuía, portanto, uma obrigação familiar, o que impactou seus estudos, uma vez que não conseguiu concluir no tempo regular de quatro anos, sendo necessário ampliar. Somente veio a defender seu trabalho de conclusão de curso em 2018, quando fizemos um novo contato.

Assim como informado por Julia, quatro das vinte reportagens analisadas – cerca de 20% – expuseram situações de discriminação a partir do olhar de migrantes e refugiados. Um exemplo é a reportagem intitulada “Suspeita de Ebola acirra preconceito contra haitianos”, publicada no site do jornal paranaense Gazeta do Povo em 12 de outubro de 2014⁷. Nela, foram entrevistados três migrantes haitianos – o vice-presidente da Associação dos Imigrantes Haitianos de Cascavel, uma haitiana que trabalhava como frentista em Cascavel e um haitiano que trabalhava como auxiliar de depósito na mesma cidade, onde ocorreu o caso de suspeita de Ebola. Os três falaram acerca do preconceito vivido por eles, sobretudo após a repercussão do acontecimento. Preconceito este que, mesmo marcado por fluxos migratórios distintos, homogeneiza o discurso e amplifica o pânico moral⁸ decorrente da suspeita de Ebola, unindo populações caribenhas e africanas por conta da cor. Mesmo que não seja diretamente admitido no discurso e nas representações, esses fluxos foram subalternizados em razão do medo associado à doença, em um contexto no qual o Ebola era globalmente discutido.

⁶JULIA. Julia: depoimento. [29 maio 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Florianópolis, 2017. 1 arquivo .mp3 (17 min.).

⁷ CRUZ, Luiz Carlos da. Suspeita de ebola acirra preconceito contra haitianos. Gazeta do Povo, 13 out. 2014b. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/suspeita-de-ebola-acirra-preconceito-contrahaitianos-eeu8mc3u2uv4pwv71dcggdjda>>. Acesso em: 9 maio 2017.

⁸ Para a análise das vinte reportagens na tese (FRAZÃO, 2018), além dos depoimentos orais, também foi utilizado o conceito de Pânico Moral associado ao método de Análise Crítica do Discurso (ACD). Com base nos estudos do sociólogo Kenneth Thompson (2014), entende-se que as minorias – dentre as quais incluem-se os migrantes – em determinada circunstância temporal e acontecimental são apontadas por outros grupos sociais como um fator de risco a um *status quo* estabelecido; seja o medo decorrente do que é novo ou de uma possível ameaça aos valores existentes, esses grupos minoritários passam a ser alvos de discursos negativos, pregados socialmente por diversos canais, incluindo os meios de comunicação, por exemplo, promovendo contra o grupo minoritário alvo um pânico de ordem moral.

O Caribe – onde está localizado o Haiti – não fica na África. No entanto, o Haiti, assim como alguns países africanos, é identificado geopoliticamente como um lugar subalterno, de desigualdade, localizados no Sul Global, ainda que não geograficamente (SANTOS & MENESES, 2009). O que poderia explicar situações como a seguir, quando um grupo de migrantes cogitou realizar os exames sem necessidade durante o caso de suspeita de Ebola:

Nós, os haitianos, estamos disponíveis às autoridades de saúde, para fazer todos os exames, disse o vice-presidente da associação, [nome do entrevistado], que há dois anos e oito meses vive em Cascavel. Depois deste caso [suspeita de Ebola], parece que [o preconceito] piorou muito. Nos preocupa, declarou. A associação estima que hoje mais de 2 mil haitianos residam na cidade. Quase a metade trabalha em frigoríficos e em uma cooperativa agrícola. Depois que aconteceu [a suspeita], os brasileiros olham com cara feia. A gente sabe que os brasileiros não gostam de gente, disse [nome do entrevistado], auxiliar de depósito.(CRUZ, 2014)⁹

O exemplo anterior serve para refletir acerca de como os relatos orais devem ser explorados e são importantes nos discursos jornalísticos, pois evidenciam as trajetórias de vida de quem é representado. No sentido de que quando não se apresenta quem é essa pessoa, de onde ele veio, porque veio e sua história de vida, há uma desumanização do discurso. Há uma perda da experiência migratória, reduzida apenas a uma questão pontual e econômica. O que pode motivar representações tais como: os migrantes contemporâneos vêm em busca de emprego, ou eles estão fugindo de problemas e que, conseqüentemente, também serão encarados como problemas no país de acolhimento.

Ao lhes questionar sobre situações de discriminação que já enfrentaram ou presenciaram, Mor e Julia associaram tais situações ao fato de serem negros. Independente de o fluxo migratório dos quais fazem parte – se como refugiado ou como estudante e, nesse último caso, um fluxo diferenciado no que diz respeito também à estratificação social – os migrantes ainda assim relatam experiências de preconceito por conta de sua cor.

Você própria que está me perguntando sabe que o Brasil é um país, infelizmente, preconceituoso. Mesmo sendo um país que tem diversas raças e níveis culturais, é um país que continua sendo bem racista, infelizmente. Não gosto muito de usar essa palavra, mas isso é a realidade. Claro que não são todos, ao contrário, são minorias. Mas, infelizmente, eu já presenciei várias vezes imigrantes sendo humilhados, vários sendo ignorados, então, é uma coisa que acontece. Os próprios negros brasileiros sofrem diariamente

⁹ CRUZ, Luiz Carlos da. Suspeita de ebola acirra preconceito contra haitianos. *Gazeta do Povo*, 13 out. 2014b. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/suspeita-de-ebola-acirra-preconceito-contra-haitianos-eeu8mc3u2uv4pww71dcggdjda>>. Acesso em: 9 maio 2017.

o racismo. Então, imagina imigrantes que vem da África, que não sabem se comunicar? (informação verbal)¹⁰

No caso de Julia, seu depoimento demonstra experiências cotidianas vividas por seu filho na escola, que sofreu bullying em razão da cor e a associação com o pânico em torno do Ebola, ocorrido quando da repercussão do caso, em 2014:

Ele [filho] teve bastante dificuldade com a questão de preconceito na escola. Por exemplo, na época do Ebola, algumas crianças lhe chamavam de Ebola. [Pergunto: você foi na escola?] Fui algumas vezes. A direção da escola não toma medidas, ou não chamam os pais dessas crianças para conversar. Às vezes o meu filho chega em casa e fala de algo que aconteceu com ele na escola. Chamam ele de Ebola, às vezes de macaco ou de algum termo pejorativo, mas converso bastante com ele para que não fique abalado. Até o meu marido já foi na escola por essas razões. (informação verbal)¹¹

Outra reportagem que destacou casos de preconceito contra migrantes foi a publicada no site Estadão em 13 de outubro de 2014, “Africanos e haitianos são hostilizados no PR após suspeita de Ebola”¹².

Há um mês no Brasil vindo da Guiné, o biólogo [nome do migrante], de 26 anos, passou a enfrentar nos últimos dias ofensas e olhares de desaprovação nas ruas de Cascavel. Desde que seu compatriota [nome do refugiado], de 47 anos, foi isolado com a suspeita de Ebola, os imigrantes africanos e haitianos que vivem na cidade paranaense passaram a ser hostilizados. A gente vai a uma lanchonete, senta em uma mesa, as pessoas mudam de lugar para ficar longe. Estamos passando na rua e sempre tem alguém que diz ‘vão embora daqui, parem de trazer doença para o meu País’. [...] A mesma opinião tem o tapeceiro [nome do migrante], de 33 anos, presidente da Associação de Haitianos em Cascavel. O Haiti nem está na África e ouço de compatriotas que as pessoas estão evitando ficar próximas deles. É comum ter um assento livre no ônibus ao lado de um haitiano.(CAMBRICOLI, 2014)¹³

¹⁰ NDIAYE, Mor. Mor Ndiaye: depoimento. [18 mar. 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Porto Alegre, 2017b. 1 arquivo .mp3 (33min. e 34seg.).

¹¹ JULIA. Julia: depoimento. [29 maio 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Florianópolis, 2017. 1 arquivo .mp3 (17 min.).

¹² CAMBRICOLI, Fabiana. Africanos e haitianos são hostilizados no PR após suspeita de Ebola. Estadão, 13 out. 2014. Disponível em: <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,africanos-e-haitianos-sao-hostilizados-no-pr-apos-suspeita-de-ebola-imp-,1575862>>. Acesso em: 21 out. 2017.

¹³ CAMBRICOLI, Fabiana. Africanos e haitianos são hostilizados no PR após suspeita de Ebola. Estadão, 13 out. 2014. Disponível em: <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,africanos-e-haitianos-sao-hostilizados-no-pr-apos-suspeita-de-ebola-imp-,1575862>>. Acesso em: 21 out. 2017.

Cabe refletir acerca da existência de perfis desejados e indesejados de migrantes, e a discussão da estratificação racial debatida por Bashi & McDaniel (1997). Observa-se que no século XXI, embora não se tenham leis que caracterizem diretamente um perfil desejado, na prática o que se nota é que para que esse direito seja garantido é necessário que o migrante em questão pertença a uma classificação indiretamente requerida. No caso dos negros, a eles são atribuídos pânicos morais associados ao risco de doença, à securitização de fronteiras e à marginalidade em razão de uma condição social.

Também foi oportuno refletir, com base nos depoimentos dos migrantes entrevistados, acerca da forma como conheceram o Brasil e como obtinham informações a respeito do país. E entender como adquiriram um imaginário do Brasil como um país de migração. Seja por meio de canais informativos, jornais ou de fontes de entretenimento, como as novelas¹⁴ e o futebol, os entrevistados produziram imaginários em torno do país e do que iriam encontrar, após virem para cá, como Julia informou. “Acompanhava mais a novela, e um pouco sobre futebol” (informação verbal)¹⁵.

O fato de perceberem em programas como as novelas a existência de negros no Brasil pode ter passado aos entrevistados a sensação de que no Brasil não havia problemas como preconceito e racismo – o mito da democracia racial¹⁶–, algo que apenas passaram a conhecer a partir de sua experiência migratória. Faz-se presente a ideia em torno de um país diverso, plural, alegre, vibrante, multirracial.

Sobre o processo de busca de informações e entretenimento, dos quatro migrantes

¹⁴ Sobre novelas brasileiras e imaginários acerca do Brasil, ver: HAMBURGER, Esther. Telenovelas e interpretações do Brasil. Lua nova, n. 82, 2011, p. 61-86.

¹⁵ JULIA. Julia: depoimento. [29 maio 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Florianópolis, 2017. 1 arquivo .mp3 (17 min.).

¹⁶ Acerca dessa questão, é preciso dizer que o mito da democracia racial daria conta de que as relações raciais no Brasil não seriam discriminatórias, a título do que ocorreu nos Estados Unidos, por exemplo. Isso porque aqui pessoas de diferentes raças interagem entre si, culminando na sociedade multirracial brasileira que há hoje. No entanto, na prática esses discursos encobrem o racismo estrutural e a discriminação sofridos pelas populações negras. O mito da democracia racial vem sendo abalado, desde os anos 1950 – mas, especialmente, ao final dos anos 1970 –, por pesquisadores e ativistas negros e brancos que têm se empenhado em apontar a desigualdade racial no acesso a bens materiais e simbólicos, a interpretá-la como expressões do racismo estrutural e ideológico e a propor políticas que permitam suplantá-la. O termo ‘racismo’ foi introduzido no Brasil apenas ao final dos anos 1970, período em que se constitui uma nova organização do movimento negro: o Movimento Negro Unificado. Foi em 1995 que o governo brasileiro reconheceu, pela primeira vez, que o país é estruturalmente racista, tendo assumido sua dívida histórica para com os negros. A partir do final dos anos 1990, articulou-se um forte movimento de reivindicação por políticas de ação afirmativa para negros (e indígenas). A administração Luis Inácio Lula da Silva criou, pela primeira vez, uma Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial com o estatuto do ministério. [...] Em outras palavras, novos temas e novas imagens estão circulando no imaginário brasileiro nesses últimos dez anos (SILVA & ROSEMBERG, 2013, p. 79). Outras leituras sobre o tema a serem consideradas são: GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Depois da democracia racial. Tempo social – revista de sociologia da USP, 2006, v. 18, n. 2, p. 269-287 e HASENBALG, Carlos A. Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil. In: MAIO, M.C.; SANTOS, R.V. (orgs.). Raça, ciência e sociedade. Rio de Janeiro, Ed. da Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil: 1996, p. 235-249.

com quem conversei, metade deles obtém informações através das redes sociais, como o Facebook e o WhatsApp. É por esses canais que eles também se comunicam com amigos e familiares:

Eu uso mais o WhatsApp, como as outras redes sociais também, por ser um meio de comunicação que me facilita bastante, já que meu dia a dia é muito corrido, e muitas vezes eu não posso nem atender telefone. Então, eu prefiro, porque gravam o áudio e deixo ali, e quando eu puder escutar eu respondo na hora. A única coisa que não pode deixar de fora é o WhatsApp. Facebook de vez em quando eu entro, no final do dia, durante a semana, e sábado e domingo, que aí eu tenho mais tempo de ver. (informação verbal)¹⁷

Às vezes, leio e também assisto Jornal Nacional. Ou Jornal do SBT. [Pergunto: Mas, assim, pela internet você também lê?] Bem pouco. [Pergunto novamente: A internet, você usa mais para se comunicar com seus familiares ou pra entretenimento?] Sim, e também uso para pesquisa. (informação verbal)¹⁸

Especificamente sobre o caso de suspeita de Ebola e os discursos jornalísticos, uma das questões observadas pelos entrevistados diz respeito à omissão de explicação em parte das reportagens sobre quais países estavam, naquele momento, passando por um surto da doença. Essa omissão corroborou para a promoção de um pânico de ordem moral contra migrantes negros. A questão foi apontada por Julia, que opina como deveria ser realizada a cobertura jornalística a respeito de fluxos migratórios contemporâneos:

Quando falam África e não falam o país, tratam o continente como um país. E isso faz a percepção da população brasileira como se todo continente africano estivesse em conflito. [...] a maioria da população não procura se informar sobre outros países, mas sim se limitam só no que a mídia diz, que na maioria das vezes são informações incompletas e confusas. [Pergunto: O que você acha que prejudica quando eles falam assim? Quando colocam tudo num lugar só?] Ah, aqui na universidade, quando passa alguma coisa em um país da África, meus colegas começam a perguntar: O que está acontecendo no seu país, mesmo que seja um acontecimento que eu não saiba. E quando alguém me pergunta nesses casos, sempre me estranha e interrogo: Que estranho, no meu país? No meu país não está acontecendo nada disso. Quando falam África, sem especificar onde, não dá para saber onde é, até porque pode ser um país bem longe do meu. Eles confundem as pessoas. [...] como na época que tinha Ebola. Muita gente perguntou: Como

¹⁷ NDIAYE, Mor. Mor Ndiaye: depoimento. [18 mar. 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Porto Alegre, 2017b. 1 arquivo .mp3 (33min. e 34seg.).

¹⁸ JULIA. Julia: depoimento. [29 maio 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Florianópolis, 2017. 1 arquivo .mp3 (17 min.).

é que está sua família lá? Será que estão bem? Respondia: Sim, estão bem, porque o Ebola não chegou na Guiné-Bissau. Mas sim, na Guiné e mais outros dois países. Eu tive que explicar isso bastante, para muita gente. De qualquer forma, é de uma forma negativa, porque é como se no continente africano só tenham coisas ruins. [...] Às vezes me incomoda, pois a forma como as pessoas perguntam incomoda mesmo. Tem gente que não sabe perguntar, não pergunta de uma forma mais educada. Apesar disso, eu tento explicar. [...] Acho que falta falar do lado bom das coisas também. Porque acho que em toda parte do mundo tem coisa boa e coisa ruim. [Pergunto: E você sente alguma diferenciação se, por exemplo, for um migrante de origem europeia, você acha que isso acontece?] Nossa, muito! Muito. Tipo, imagina uma francesa. O tratamento de uma pessoa da França e uma pessoa da Guiné-Bissau, por exemplo, é diferenciado. Tratam melhor o europeu do que o africano. [Pergunto: E se aquele caso de suspeita de Ebola, que aconteceu em 2014, se ocorresse com um migrante de outra nacionalidade, se fosse um migrante branco, você acha que a repercussão das notícias teria sido igual?] Não seria igual. Iam falar nome do país, não iam falar só o nome do continente como um todo. Eu acho que eles [os jornalistas] iriam tratar de forma diferente, especificar as coisas. Não iriam ficar falando da forma como falam da África. [Pergunto: Tem alguma outra coisa que você gostaria de colocar sobre essa questão de preconceito, de xenofobia no Brasil, que você acha que é importante esclarecer isso e as pessoas não esclarecem? Principalmente, quando eu falo pessoas, também estou falando dos jornais.] Talvez com uma abordagem mais esclarecida das notícias, por exemplo, sobre migração, sobre direitos humanos. Ajudaria as pessoas, principalmente na questão da xenofobia. Apesar disso também depende da pessoa, mas pode contribuir na compreensão de que todo ser humano tem direito de migrar e viver onde quiser. (informação verbal)¹⁹

A fala de Julia é oportuna para pensar qual representação é passada discursivamente sobre a África. A frase no início de seu relato é contundente e evidencia a desinformação e/ou preconceito expresso por brasileiros com os quais ela teve contato. Quando usam a palavra África para designar sua origem, esse fato invisibiliza a diferença entre os países existentes nesse continente, além daqueles que, em 2014, passavam por um surto da doença – República da Guiné, Libéria e Serra Leoa. O fato é que tal desconhecimento também gera preconceito, discriminação, xenofobia e o racismo. O Ebola é marcado pela racialização, contribuindo para a ideia de que o pânico moral tem cor e é preta.

Em uma das recomendações feitas por Denise Cogo e Maria Badet Souza no Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores (2013), as autoras ressaltam que o uso na narrativa da nacionalidade de determinado grupo pode ser prejudicial e colaborar para a promoção de um pânico moral, discussão que converge para o ponto destacado por Julia.

¹⁹ JULIA. Julia: depoimento. [29 maio 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Florianópolis, 2017. 1 arquivo .mp3 (17 min.).

Este guia entende que a menção à nacionalidade dos envolvidos em problemas e questões sociais pode ser considerada positiva quando a informação contribui para não criminalizar a todo o coletivo de um país, nos casos em que já existe uma tendência de criminalização generalizada de determinada nação. Porém, de modo geral, não recomendamos mencionar a nacionalidade para não criar a associação de crimes e delitos a determinadas nacionalidades. Este tipo de abordagem acaba por transmitir a ideia de que um determinado problema é recorrente em certas comunidades, sendo que os problemas sociais, em geral, independem de países de origem para acontecerem. (COGO & SOUZA, 2013, p. 62, tabela G2).

Dois dos jornalistas entrevistados também opinaram acerca da questão anterior, destacada por Julia. São Rodrigo Borges Delfim e Sansara Buriti. O primeiro, Rodrigo, tem 32 anos e mora em São Paulo, capital. Além de atuar como repórter de veículos como a Folha de São Paulo, é editor do MigraMundo (<http://www.migramundo.com.br>), site com foco em migrações. Também foi repórter do site UOL, para o qual escrevia sobre assuntos diversos. Outra entrevistada foi Sansara, com a qual conversei em Florianópolis. Natural de Roraima, ela possuía 32 anos à época da entrevista e morava na capital catarinense onde chegou em 2001. Em seu processo de profissionalização, Sansara também descobriu a África, mesmo estando fora dela, e a importância do continente:

Passei por vários canais locais, quando em 2011 eu fui selecionada pra um estágio na Deutsche Welle, na Alemanha, na redação Português para a África. E foi ai que, acho, foi um divisor de águas, tanto pra minha vida pessoal quanto profissional, porque, por incrível que pareça, foi na Alemanha que eu fui aprender muito mais sobre a África do que estando no Brasil, que tem muito mais conexões com a África, e que a gente até deveria entender mais. Dentro dessa redação Português para a África, que produz conteúdos em língua portuguesa, tem um ambiente multicultural, com jornalistas de países africanos e, enfim, dos países lusófonos em geral. [...] Foi a partir daí, trabalhando com esses conteúdos, entrevistando muita gente da África e falando sobre África, mesmo estando longe, que eu fui realmente entender que a gente não sabe nada da África, que a gente não acompanha a política, ou qualquer outra coisa que não seja uma catástrofe, um caso de Ebola. (informação verbal)²⁰

Em seu retorno para o Brasil, ela passou por um processo de entender melhor as diferenças que o mundo abarca. E passou a se envolver mais com o tema da migração contemporânea:

²⁰ BURITI, Sansara. Sansara Buriti: depoimento. [26 maio 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Florianópolis, 2017. 1 arquivo .mp3 (28 min.).

Quando eu voltei pro Brasil [...] surgiu a ideia de fazer um documentário sobre eles [intitulado Eu sou de lá, disponível no YouTube]²¹. De como será que é a vida de um estudante africano aqui, quais são os desafios no estado mais branco do Brasil; 84% da população se autodeclara branca. Como será pra eles? Mas, ao mesmo tempo, não queria que fosse um documentário sobre Sofre racismo ou não sofre, justamente porque eu acho que às vezes fica muito só nisso, e a gente perde a oportunidade de debater outras coisas a respeito da vida deles, que ajuda a sair desse estereótipo. Ah, sofrem racismo. Não queria que fosse só sobre isso, mas é evidente que não tem como não falar sobre isso. Isso é um aspecto que é comum à experiência de todos eles, praticamente, com quem eu conversei. Mas eu queria abordar outras coisas. [...] Além das entrevistas que eu fazia com eles pra esse projeto, eu também deixei uma câmera e falei: Olha, sem muito roteiro, filmem o que vocês acham que é legal, que vocês gostariam de mostrar, sem muita preocupação se isso é importante ou não. [...] O documentário se constrói desses olhares: o meu, de querer conhecer essas pessoas, e os deles, de mostrar um pouquinho quem eles são. (informação verbal)²²

Com o documentário, a proposta de Sansara foi visibilizar os migrantes e promover um contra discurso, diferente do presente em parte dos meios de comunicação sobre a migração de haitianos e de pessoas de vários países da África. O objetivo da iniciativa foi olhar para o migrante de uma outra forma, visibilizando suas trajetórias, sua cultura, em detrimento de aspectos que possam vitimizá-los ou marginalizá-los.

Em suas falas, os jornalistas destacaram não apenas o caso de suspeita de Ebola, mas as discrepâncias que emergem no discurso jornalístico sobre os países localizados no continente africano – como a falta de explicação de qual Guiné se referiam no discurso, quando da cobertura do caso.

No caso específico do jornalista Rodrigo Borges Delfim, como ele realizou uma cobertura jornalística após a ocorrência do caso de suspeita de Ebola, conseguiu captar, durante a construção da sua reportagem, a percepção de brasileiros acerca da presença de haitianos e africanos no Brasil, e o que isso suscitava.

2014 já era uma época que eu estava bem inserido no Migra [o site MigraMundo]. Mas eu não tinha muito tempo pra acompanhar o assunto. Lembro que [as notícias] eram bem pesadas. [...] Era um frenesi tão grande, que o Brasil comprou o discurso que era dito fora. Está a milhares de quilômetros da África [...] [fala do discurso midiático] É da África, é negro, é

²¹ O documentário está disponível na íntegra no perfil da jornalista no YouTube, no seguinte link: <<https://youtu.be/4Tlw-JzeKxY>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

²² BURITI, Sansara. Sansara Buriti: depoimento. [26 maio 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Florianópolis, 2017. 1 arquivo .mp3 (28 min.).

potencial portador do Ebola. Eu senti um pouco isso, sim, das matérias, não exatamente dizendo isso, mas a abordagem delas dava essa margem. Talvez por se basear no discurso lá de fora. Não que o Brasil tivesse um discurso. Ele adotava o discurso de fora [das agências jornalísticas internacionais]. Foi o que ficou bem claro. E só fazendo um parêntese: outra coisa que foi mais reprovável ainda foi a exposição que o [migrante] suspeito de Ebola recebeu. Porque foi divulgado o nome dele, foi divulgado a nacionalidade, a identidade, só faltou o tipo sanguíneo. [...] Fazer um negócio desse é criminoso. (informação verbal)²³

Em seu relato, Rodrigo destaca duas questões importantes: a atribuição de determinados pânicos à migrantes negros e a associação a eles do risco de saúde e de serem eventuais portadores do Ebola. Além disso, também comentou sobre o discurso homogêneo proveniente das agências de notícias internacionais. E, nesse contexto, a subalternização de determinados fluxos migratórios, notadamente os originários da África ou de países como o Haiti, considerados como uma ameaça, tornando-se indesejados.

A ausência de explicações sobre em qual Guiné estava ocorrendo o surto de Ebola e o que isso acarretou aos migrantes de outros países africanos que estavam aqui também foi destacado pela jornalista Sansara Buriti em sua fala:

Eu acompanhei e logo de cara me chamou um pouco [a atenção] essa coisa deles não diferenciarem qual Guiné que era. [...] Acho que há um desconhecimento do que é a África. É um país? O que é? Ninguém sabe muito bem. É um lugar lá, meio exótico. E aí, na cobertura jornalística, também não há uma certa apuração para entender um pouco essas diferenças. Isso me chamou muito a atenção. [...] Se criou uma sensação de um perigo que talvez foi muito mais aumentada do que, de fato, era. E aí, para quem estava aqui, foi complicado, para as pessoas de países africanos que estavam aqui, porque, justamente por não entenderem [a sociedade] essa diferenciação, todo mundo que estava aqui, que era da África, era um potencial transmissor da doença. (informação verbal)²⁴

A fala de Sansara entrevê uma possível construção, ao longo da repercussão do acontecimento em torno do caso de suspeita de Ebola no Brasil, de pânicos morais contra migrantes negros, independente da nacionalidade. E de como esses pânicos foram reforçados à medida em que a cobertura jornalística internacional também explorava o assunto e como estava ocorrendo no restante do mundo.

²³ DELFIM, Rodrigo Borges. Rodrigo Borges Delfim: depoimento. [24 mar. 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. São Paulo, 2017. 1 arquivo .mp3 (37 min. e 41 seg.).

²⁴ BURITI, Sansara. Sansara Buriti: depoimento. [26 maio 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Florianópolis, 2017. 1 arquivo .mp3 (28 min.).

Seu relato possibilita refletir que as doenças no mundo globalizado constituem uma das bases para a promoção do pânico moral e, conseqüentemente, preconceito e discriminação contra determinados grupos (THOMPSON, 2014). Aqui, nota-se que os grupos mais atingidos são constituídos por migrantes negros e cuja classe social seja considerada inferior. Ou seja, a migração emerge no jornalismo quando é relacionada a uma catástrofe, a uma doença, sendo marginalizada e subalternizada nesse contexto.

A partir dos relatos das fontes orais consultadas, também foi possível refletir sobre o pânico associado ao fenótipo dos migrantes e, nesse contexto, à pele negra. O fato foi salientado tanto por jornalistas quanto pelos migrantes, como foi o caso da estudante guineense Julia:

[Pergunto sobre preconceito para Julia, se ela nota isso no Brasil, ao passo que ela diz:] Na Guiné-Bissau nunca sentia isso. A palavra preconceito é quase difícil de escutar. Acredito que eu nunca percebi alguma coisa de preconceito. Entendeu? [Pergunto: Você percebeu aqui?] Sim, na verdade aqui que percebi e entendi o que é preconceito. (informação verbal)²⁵

Discutido por Bashi & McDaniel (1997), há uma estratificação racial que hierarquiza as raças, influenciando inclusive na forma como os fluxos migratórios são percebidos e, nesse contexto, em como uns são mais aceitos que outros. Como previsto na política migratória do Brasil no passado, quando migrantes brancos e de origem europeia eram mencionados, em comparação com aqueles que não fossem brancos, de outras nacionalidades, considerados indesejados (ASSIS, 2012; MENEZES, 1996; 2001; SEYFERTH, 1994; 2000; 2001). O depoimento do relações públicas senegalês Mor Ndiaye também corrobora com essa visão:

O preconceito brasileiro é tão grande que quando acontece alguma coisa com o outro, eles usam para discriminar. Naquela época eles usaram o Ebola como desculpa para discriminar os migrantes. Ele veio, e não era nada de Ebola. Eles procuravam de novo e Ah, a crise, mais um motivo para discriminar. A crise que o Brasil está passando [...] [pausa para reelaborar o pensamento. Ele se volta ao ano de 2014] Ali mostrou bem o caso de xenofobia, que é muito grande pelo Brasil. [...] Hoje eles estão falando que os migrantes estão roubando os empregos dos brasileiros. Eles vão procurar uma maneira de discriminar as pessoas. Isso é uma maneira de discriminar os migrantes. Com Ebola ou sem Ebola. Com emprego ou desemprego, eles vão arrumar uma desculpa para discriminar. [Pergunto: E isso você nota, de uma maneira geral, que é a imprensa quem está falando isso ou são as pessoas que estão falando?] Imprensa fala porque é a realidade. Não é a imprensa quem inventou isso. Nós, migrantes, escutamos isso

²⁵ JULIA. Julia: depoimento. [29 maio 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Florianópolis, 2017. 1 arquivo .mp3 (17 min.).

pessoalmente. Isso é uma discriminação real. (informação verbal)²⁶

Para Mor, tais discursos e representações neles cristalizadas não são, necessariamente, produzidos pelo jornalismo, mas estão presentes na sociedade. A partir de seu depoimento, pode-se inferir que as reportagens jornalísticas captam o que está na coletividade. Contudo, a forma como no jornalismo se constrói a narrativa reforça os discursos xenófobos e preconceituosos.

Outra pergunta feita durante as entrevistas às fontes orais foi sobre a opinião deles acerca da cobertura jornalística sobre os fluxos migratórios. As opiniões diferem uma das outras. Para o senegalês Mor Ndiaye, a cobertura jornalística sobre as migrações pode ajudar a visibilizar os fluxos e auxiliá-los, em seu processo de inserção e integração no Brasil:

Independente do acontecimento, a imprensa divulga com muita rapidez. Isso significa que a própria imprensa brasileira é interessada em fatos que acontecem com o migrante e a própria migração. Isso por um lado é bom, porque nós precisamos disso, para que as pessoas saibam como os migrantes são, o que os migrantes estão fazendo, e o que está acontecendo com a vinda dos migrantes. Infelizmente não é tudo o que eles mostram, a realidade dos migrantes. Muitos brasileiros ainda não conhecem, não sabem o que muitos passam para chegar aqui. [Pergunto: Você acha então que, em partes, a imprensa pode ajudar quando ela divulga sobre os migrantes?] É, ajuda. Até um momento ajuda, em parte dessa divulgação. Ajuda é uma maneira de dizer. Mas, a gente entende que em parte a responsabilidade da imprensa é mostrar a realidade no Brasil. Ninguém vai saber como os migrantes, na verdade, estão lá. Como eu, há alguns meses atrás, cheguei a acompanhar alguns migrantes que estavam trabalhando por quase cinco meses sem receber salário e vivendo de uma forma precária, o que podemos chamar de escravidão. Se não fosse aquela vez, aquela imprensa que divulgou a realidade daqueles migrantes, como que eles trabalham, como que eles viviam, as coisas não ficariam claras. No mesmo dia em que eles [os jornais] mostraram, no mesmo dia eles receberam salário, no mesmo dia eles receberam ajuda. Até hoje a vida deles virou de outra maneira. Isso graças a imprensa que divulgou. [...] Além de mostrar a vida precária dos migrantes, [os jornalistas] poderiam mostrar um lado bom, um lado positivo, que é a cultura que os migrantes trazem pro Brasil, a educação que o migrante tem na mala, a formação que o migrante tem na mala, muitas outras coisas que deveriam ser mostradas, que poderiam chamar a atenção para os próprios brasileiros para que se interessassem mais por aquelas pessoas que estão chegando. (informação verbal)²⁷

²⁶ NDIAYE, Mor. Mor Ndiaye: depoimento. [18 mar. 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Porto Alegre, 2017b. 1 arquivo .mp3 (33min. e 34seg.).

²⁷ NDIAYE, Mor. Mor Ndiaye: depoimento. [18 mar. 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Porto Alegre,

A estudante guineense Julia destaca que falta uma explicação sobre o que é estar refugiado e o que é ser um migrante. A não distinção tende a homogeneizar alguns fluxos, quando não são homogêneos:

A notícia é passada para a população como se todos os migrantes fossem refugiados. Só que a migração não parte só do fator da guerra, perseguição política, etc. Pois tem outros fatores como desastres naturais, desemprego, etc. Porque quando uma pessoa migra, não significa que está se refugiando. Estes migrantes não saíram dos seus países fugindo. Depende de outros fatores também. [Pergunto: E isso só com migrantes de origem africana ou você percebe que eles fazem isso com migrantes de outras nacionalidades?] Não é só com os africanos, mas também com migrantes do Oriente Médio e das outras regiões do mundo. Mas da África falam refugiados. (informação verbal)²⁸

Na fala de Julia, novamente há a queixa sobre a não explicação no discurso jornalístico sobre o que vem a ser a migração e o refúgio, além da forma como a África é visibilizada.

Considerações Finais

Os relatos tanto dos migrantes quanto dos jornalistas entrevistados demonstram as consequências de uma produção discursiva sobre a África e o lugar que ela ocupa no imaginário social: uma região que não se sabe se é país ou continente, que é considerada pobre, com a presença de fatores como a fome e doenças como o Ebola, onde há a ocorrência de guerras étnicas, além de uma série de outras visões negativas. Elas estão vigentes nos discursos que circulam na sociedade os quais, por sua vez, contribuem para a existência de pânico morais contra as populações oriundas desse continente.

Uma questão presente em todos os depoimentos foi que a cobertura jornalística deveria explicitar as motivações da migração e as possíveis diferenças existentes nas modalidades migratórias. Estar refugiado é uma questão enquanto ser considerado um migrante é outra. Além disso, frisar a trajetória pregressa dessas pessoas, quem eram e continuam sendo, é fundamental para humanizar o discurso e as representações nele presentes. No geral, na cobertura jornalística se foca no indivíduo e em sua situação

2017b. 1 arquivo .mp3 (33min. e 34seg.).

²⁸ JULIA. Julia: depoimento. [29 maio 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Florianópolis, 2017. 1 arquivo .mp3 (17 min.).

presente; não se visibiliza seu passado.

Artigo recebido em 19 ago. 2018.

Aprovado para publicação em 17 out 2018.

Fontes

BURITI, Sansara. Sansara Buriti: depoimento. [26 maio 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Florianópolis, 2017. 1 arquivo .mp3 (28 min.).

EU sou de lá. Direção: Sansara Buriti. Produção: Tatiana Lee. Florianópolis: 2014. Disponível em: <<https://youtu.be/4Tlw-JzeKxY>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

CAMBRICOLI, Fabiana. Africanos e haitianos são hostilizados no PR após suspeita de Ebola. Estadão, 13 out. 2014. Disponível em: <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,africanos-e-haitianos-sao-hostilizados-no-pr-apos-suspeita-de-ebola-imp-,1575862>>. Acesso em: 21 out. 2017.

COGO, Denise; SOUZA, Maria Badet. Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores – Migrantes no Brasil. Belatterra: Instituto de la Comunicación de la UAB/Instituto Humanitas Unisinos, 2013.

CRUZ, Luiz Carlos da. Suspeita de ebola acirra preconceito contra haitianos. Gazeta do Povo, 13 out. 2014b. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/suspeita-de-ebola-acirra-preconceito-contrahaitianos-eeu8mc3u2uv4pww71dggdjda>>. Acesso em: 9 maio 2017.

DELFIN, Rodrigo Borges. Rodrigo Borges Delfim: depoimento. [24 mar. 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. São Paulo, 2017. 1 arquivo .mp3 (37 min. e 41 seg.).

JULIA. Julia: depoimento. [29 maio 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Florianópolis, 2017. 1 arquivo .mp3 (17 min.).

NDIAYE, Mor. Mor Ndiaye: depoimento. [18 mar. 2017]. Entrevistadora: Samira Moratti Frazão. Porto Alegre, 2017b. 1 arquivo .mp3 (33min. e 34seg.).

Referências

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

_____. Fontes orais: Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008, p. 155-202.

ASSIS, Gláucia de Oliveira. *De Criciúma para o Mundo: Rearranjos familiares de novos migrantes brasileiros*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2012.

BASHI, Vilna; MCDANIEL, Antonio. A Theory of Immigration and Racial Stratification. *Journal of Black Studies*, v. 27, n. 5, 1997, p. 668–682.

FRAZÃO, Samira Moratti. *A suspeita que marca: o pânico moral na representação jornalística de imigrantes negros no Brasil contemporâneo (2000-2014)*. Florianópolis, 2018, 396p. Orientadora: Gláucia de Oliveira Assis. Tese de doutorado em História. Universidade do Estado de Santa Catarina.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Depois da democracia racial. *Tempo social – revista de sociologia da USP*, 2006, v. 18, n. 2, p. 269-287.

HAMBURGER, Esther. Telenovelas e interpretações do Brasil. *Lua nova*, n. 82, 2011, p. 61-86.

HASENBALG, Carlos A. Entre o mito e os fatos: racismo e relações raciais no Brasil. In: MAIO, M.C.; SANTOS, R.V. (orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro, Ed. da Fiocruz/Centro Cultural Banco do Brasil: 1996, p. 235-249.

MENEZES, Lená Medeiros de. *Os indesejáveis: desclassificados da modernidade. Protesto, crime e expulsão na capital federal (1890-1930)*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

_____. Movimentos e Políticas Migratórias em Perspectiva Histórica: Um balanço do século XX. In: CASTRO, Mary Garcia (coord.). *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD), 2001, p. 123-136.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.

SEYFERTH, Giralda. Identidade Étnica, Assimilação e Cidadania: A Imigração Alemã e o Estado Brasileiro. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 9, n. 26, p. 103-122, 1994. Disponível em: <<http://www.igtf.rs.gov.br/wp-content/uploads/2012/10/IDENTIDADE-ÉTNICA.pdf>>. Acesso em: 15 jun. 2016.

_____. Imigração no Brasil: os preconceitos da exclusão. *Revista ComCiência*

(SBPC/Labjor), n.16, dez./2000. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/migracoes/mirg03.html>>. Acesso em: 27 maio 2016.

_____. Imigração e nacionalismo: o discurso da exclusão e a política imigratória no Brasil. In: CASTRO, Mary Garcia (coord.). *Migrações Internacionais: Contribuições para Políticas*. Brasília: Comissão Nacional de População e Desenvolvimento (CNPD), 2001, p. 137-150.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da; ROSEMBERG, Fúlvia. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: VAN DIJK, Teun Adrianus (org.) *Racismo e discurso na América Latina*. 2 ed. 1 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013, p. 74-117.

THOMSON, Alistair. Aos cinquenta anos: Uma perspectiva internacional da História Oral. In: ALBERTI, Verena; FERNANDES, Tânia; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000, p. 47-65.

_____. Histórias (co)movedoras: História Oral e estudos de migração. *Revista Brasileira de História*, v. 22, n. 44. São Paulo, 2002, p. 341-364.

THOMPSON, Kenneth. *Panicos Morales*. 1. ed. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2014.